

## Recensão de *O Prisioneiro da Torre Velha*, de Fernando Campos

Ana Margarida Ramos  
Universidade de Aveiro  
[aramos@dlc.ua.pt](mailto:aramos@dlc.ua.pt)

Numa linha de produção literária que segue obras como *A casa do pó* (1986), *A esmeralda partida* (1995), *A sala das perguntas* (1998) ou *A ponte dos suspiros* (2000), Fernando Campos dá agora a público *O prisioneiro da Torre Velha* (2003), um romance histórico que apresenta a ficcionalização das memórias de D. Francisco Manuel de Melo e uma revisitação a um período crítico da história portuguesa: a primeira metade do século XVII, correspondendo aos últimos anos do domínio filipino e aos momentos conturbados que seguiram a Restauração. À semelhança dos romances anteriores, construídos em torno das figuras de Frei Pantaleão de Aveiro, D. João II, Damião de Góis e D. Sebastião, respectivamente, também aqui o autor revela uma preferência por uma personagem complexa, cuja densidade psicológica e incompreensão dos seus contemporâneos permitem leituras controversas.

D. Francisco Manuel de Melo, protagonista de *O prisioneiro da Torre Velha*, reflecte bem o tempo em que vive, dual e dividido, em crise de identidade, entre a fidelidade à soberania castelhana e o desejo de autonomia, entre os feitos militares e os feitos de letras, entre a elaboração da retórica gongórica e a antecipação da simplicidade racionalista.

A narrativa inicia-se e termina pelo recurso a uma curiosa estratégia que consiste na apresentação de diálogos entre as andorinhas, testemunhas dos factos ocorridos. O primeiro, em jeito de prólogo, introduz as personagens e a situação conflituosa por elas vivida, assim como o contexto histórico do país nos inícios do século XVII. As andorinhas, aliás, serão, ao longo do romance, elementos simbólicos que ligam o protagonista aos seus amores por Branca e ao passado. O breve diálogo final, como um epílogo, encerra o texto, quase em jeito de *requiem*. Após a introdução, segue-se o longo relato da vida atribulada

de D. Francisco Manuel, repleto de batalhas navais, conspirações e intrigas da política internacional europeia, a disputa entre as coroas pela hegemonia económica e os contactos com algumas figuras que marcaram culturalmente este período, como Francisco Quevedo, Diego Velásquez ou o Padre António Vieira.

O romance revela, igualmente, uma significativa influência dos textos da época, nomeadamente as relações de acontecimentos e os relatos de naufrágios que tanto sucesso conheceram nesta altura, cujo modelo narrativo adopta, dando conta das causas e consequências de um vasto conjunto de tempestades, batalhas e ataques de corsários. A figura de D. Francisco Manuel revela-se central na obra, que o acompanha desde o nascimento até à morte, visitando em sua companhia várias cortes europeias, sofrendo um amor impossível, perseguições e injustiças várias, a prisão em Lisboa, o exílio no Brasil e o regresso a Portugal, seguido da sua reabilitação. A narrativa ensaia algumas teses explicativas para a sua adesão, em alguns momentos, ao partido que sustentava a soberania filipina do reino de Portugal, assim como avança hipóteses que justificam a perseguição que lhe é movida, fruto de invejas e ciúmes, terminando numa verdadeira cabala com a sentença condenatória por um crime não cometido.

O romance revisita e recria, de forma muito próxima e muito viva, fruto, até, da intertextualidade omnipresente, um momento histórico em que as analogias com o presente são constantes, por exemplo, no que toca às relações políticas, económicas e culturais entre os dois países ibéricos ou à situação da (in)Justiça ou da Economia. A aproximação à época histórica retratada é ainda conseguida pela verosimilhança dos registos das personagens, pela fuga aos anacronismos e, principalmente, pela reconstituição, tão fiel quanto possível, das mentalidades e dos comportamentos, não faltando o tratamento de algumas questões pertinentes da altura, como a das poéticas literárias, a da união ibérica, a da autonomia e Restauração do Reino de Portugal, a da guerra entre França e Castela, entre outras.

Romance histórico no sentido mais tradicional da expressão, *O prisioneiro da Torre Velha*, na esteira da produção de cariz historiográfico de Fernando Campos, assume-se como um texto que sustenta uma tese que o discurso histórico oficial não pôde ou não quis comprovar, iluminando, pela recriação literária, uma figura mal compreendida e, possivelmente, mal amada da história portuguesa de Seiscentos, reiterando a sua genialidade e a sua superioridade em termos políticos, militares e artísticos em relação aos seus contemporâneos, alvo de uma marginalização e conseqüente esquecimento que urge recuperar e, no entender do autor, reeditar para melhor conhecer.

Fernando Campos, *O Prisioneiro da Torre Velha*, Algés, Difel